Ano XIX — Lisboa, Janeiro de 1963 — N.º 213

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Um exemplo admirável

Em Agosto do ano passado, numa significativa cerimónia efectuada na Casa Branca, o Presidente Kennedy entregou à Dr.ª Frances Kelsey, médica da Secretaria de Alimentação e Remédios dos Estados Unidos, a medalha por Destacados Serviços Civis, a mais alta distinção conferida a funcionários do Estado, em reconhecimento do «grande zelo e persistente confiança nas suas decisões profissionais». A Dr.ª Kelsey recebeu esta merecida homenagem por ter prestado à sua pátria um serviço cuja extensão dificilmente poderá ser calculada. Ela recusou firmemente dar aprovação à Talidomida, como medicamento autorizado nos Estados Unidos, porque reconhecia que as provas de segurança apresentadas pelo laboratório produtor «eram incompletas sob muito aspectos».

A luta da Dr.ª Kelsey para manter a sua decisão foi tenaz, prolongada e admirável. Ela deu provas de uma perfeita consciência profissional e de uma dignidade exemplar. O pedido de registo chegara às suas mãos em Setembro de 1960 e os representantes do laboratório fizeram repetidas diligências para que o produto fosse admitido. Argumentava-se que o medicamento estava sendo usado em quase todos os países, que era excelente sedativo, provocava sono rápido, profundo e natural. Era económico e não poderia ser usado como meio de suicídio porque não matava. Experiências em animais resultaram inócuas. A Dr.ª Kelsey, porém, segura das suas conclusões, não se deixou impressionar pela argumentação aduzida nem consentiu em pautar seus actos por atitudes alheias e manteve-se admiràvelmente irredutível. As provas em seu entender não eram suficientes.

Ignoramos as influências que possam ter sido movidas para quebrar o ânimo da criteriosa e honesta médica e farmacologista. Admitimos que tudo se passou de forma legal e que foram sòmente usados meios suasórios dignos. Sabendo, contudo, o que geralmente acontece em casos semelhantes, é-nos lícito supor que a distinta senhora teria sido sujeita a pressões diversas: Pedidos influentes, recomendações, promessas tentadoras, ofertas capciosas. Se isso se deu, foi tudo inútil. A Talidomida não foi aprovada!

Vivemos num mundo onde é bastante difícil manter atitudes independentes. Elas não são compreendidas por uma sociedade que se agita preocupada apenas com aquilo que é material, com o negócio, com interesses sórdidos, ambições mesquinhas. Os que têm a coragem de intransigentemente seguir o rumo da dignidade e da honra são olhados com desconfiança por aqueles que buscam ùnicamente a satisfação de conveniências pessoais. «Teimosa», «puritana», que «tinha a mania de endireitar o mundo», seriam remoques dirigidos à zelosa cientista. Mas, em 29 de Novembro de 1961, ao chegar a primeira informação de que a droga era responsável pelo nascimento de crianças horrìvelmente mutiladas e deformadas, foi o próprio laboratório que correu a retirar o pedido de registo. A Dr.ª Kelsey tinha razão e a sua firmeza salvara talvez milhares de crianças de sofrimentos indizíveis e poupara seus pais a lágrimas de profunda dor e a possíveis actos de desespero. As mães americanas, ao apertarem agora nos braços ternos os filhos formosos e perfeitos, sentem certamente a mais profunda gratidão pela integridade de carácter da notável cientista.

A Dr.ª Kelsey deu-nos ainda um estimulante exemplo que se impõe ao respeito e meditação de todos aqueles que tenham de tomar

——→

O XVIII aniversário de «SEMPRE PRONTO»

«Sempre Pronto» vai continuar esta caminhada que principiou há 18 anos, caminhada que, vista retrospectivamente, ganhou já um certo sabor epopeico, tais as dificuldades vencidas, tais os obstáculos torneados.

Este jornal, e por várias vezes se o tem afirmado aqui, não é apenas o fruto da sua equipa de redactores. É também, e com uma importantíssima e fundamental quota-parte, o produto das muitas dedicações que felizmente temos conseguido reunir e que constituem a legião dos nossos assinantes, colaboradores e leitores e dos amigos que, com críticas, sugestões ou aplausos, nos têm estimulado a prosseguir com esta obra, cujo fito é, única e simplesmente, servir o Escotismo de Portugal.

Com toda a sinceridade, poderemos asseverar que não fora esse valioso concurso de boas vontades e já há muito «Sempre Pronto» teria passado ao mundo das nossas recordações. Todavia, esse conjunto de amigos, com as suas palavras de estímulo, com a regularidade das suas contribuições ou com a cooperação nas nossas iniciativas, tem-nos persuadido a continuar a tarefa, convencendo-nos de que este trabalho é útil ao movimento escotista.

Estas declarações de apreço e a convicção que se apercebe nesses incitamentos obrigam-nos a não desertar deste baluarte, porque, fazendo-o, seria atraiçoar a nossa causa e enfraquecer o nosso ideal.

Continuamos, pois, enquanto perdurar o convencimento de que a contribuição do nosso esforço é proveitosa para os Escoteiros de Portugal, certos de que é esta a melhor forma de expressar o nosso agradecimento àqueles que tanto nos têm ajudado.

Uma vigorosa campanha contra o tabaco em Inglaterra

Em Abril último, o governo britânico lançou uma campanha contra o cigarro. Mais de 400 mil cartazes foram enviados a todo o país.

Esta campanha começou em consequência de um informe apresentado em Março pelo Real Colégio de Médicos no qual se estabelecia que existia uma relação efectiva entre o cigarro e o cancro do pulmão.

A campanha concentra-se em educar a juventude para que não fume e utilizam-se três cartazes diferentes, todos com a palavra «Perigo» à cabeça. Um deles diz: «Quantos mais cigarros você fumar, mais exposto estará a morrer de cancro de pulmão, bronquite ou enfermidades de coração».

O segundo diz: «Os grandes fumadores de cigarros estão 30 vezes mais expostos a morrer de cancro de pulmão, que os não fumadores».

E o terceiro adverte: «As mortes por cancro de pulmão são quinze vezes mais que faz 20 anos, e continuam aumentado. Quantos mais cigarros você fumar, maior o perigo».

Cinco importantes firmas tabaqueiras inglesas, em face da campanha do governo, manifestaram que não anunciarão mais pela televisão antes das nove horas da noite, a fim de contribuir para que as crianças não aprendam a fumar. Além disso, afirmam se dispostas a estudar com o governo a eliminação das máquinas automáticas fornecedoras de cigarros, que estejam ao alcance das crianças. A lei inglesa proíbe a venda de cigarros a menores de 16 anos. Mas as máquinas nos lugares públicos tornam virtualmente inócua essa lei.

De *Concern*

* * *

Baden-Powell foi um dos primeiros educadores a advertir a juventude dos perigos do tabaco, fazendo-o em termos esclarecedores perfeitamente aceitáveis pela mente da mocidade. Não estabeleceu qualquer proibição, mas avisou que o fumo prejudicava o olfacto, a vista, o paladar, o coração, órgãos assenciais à vida, que o Escoteiro procura manter em bom funcionamento para o êxito da sua acção. E concluía: Se o fumo é tão prejudicial, é tonto aquele que fuma. De facto, em face dos graves perigos que ameaçam a vida e a saúde do fumador, não parece sensato que se insista num hábito tão prejudicial. Sobretudo, devemos procurar salvaguardar os nossos filhos de tão perigoso vício. Só um sistema, porém nos parece eficiente: O exemplo. Quando os pais, os mestres, os chefes escoteiros, os ministros das Igrejas, repudiarem o cigarro, os rapazes certamente seguir-lhes-ão o exemplo.

Um exemplo admirável

decisões que possam afectar de alguma maneira a saúde e a felicidade dos povos. Às Guias e aos Escoteiros ela aponta o rumo que se identifica perfeitamente com o sentimento de Honra de todos aqueles que uma vez juraram *amar e servir a Deus, a Pátria e o Semelhante.*

A humanidade carece cada vez mais de almas de eleição da estatura moral da Dr.ª Kelsey. Só elas poderão concorrer para solucionar os problemas que afligem os povos. Precisa-se de gente corajosa, capaz de generosamente cumprir o seu dever, indiferente às influências deletérias que em sua volta se processem. Nós, Escoteiros, pela nossa formação somos chamados a desempenhar tarefas de boa vontade numa sociedade egoísta e corrupta. Não pretendemos *endireitar o mundo* porque nos escasseiam forças para isso, mas poderemos certamente poupar os nossos semelhantes a sofrimentos e aflições se, ouvindo o sábio conselho de B. P., *procurarmos deixar este mundo melhor do que o encontrámos.* Particularmente para nós, Portugueses, este anseio tem ainda a característica de se adaptar ao génio dos povos peninsulares a que pertencemos. Não iremos *quixotescamente* esgrimir com hipotéticos «moinhos de vento», até porque abundam em nossa volta enormes gigantes, temíveis *dragões*, com os quais poderemos terçar lanças. Basta que cada um de nós, no lugar onde Deus nos colocou, cumpra dignamente o seu dever, seguindo o exemplo admirável da Dr.ª Kelsey.

Esta será uma disposição de espírito própria para os nossos projectos de começo de ano. Que em 1963 a possamos inscrever como princípio fundamental das nossas vidas e a executemos com indefectível decisão.

Assinantes Patrocinadores

Para esclarecer o que dissemos no último número, devemos informar que a quantia de 30$00 designada para os assinantes patrocinadores, não é uma quota suplementar, mas a importância da assinatura ordinária elevada de vinte para trinta escudos anuais, ou seja a cada número do «Sempre Pronto» corresponderá a quota mensal de Esc. 2$50.

Se o número de assinantes patrocinadores for importante, isso permitir-nos-á equilibrar as nossas finanças e até melhorar a apresentação do jornal. Este é um apelo que deixamos à consideração dos nossos bons e dedicados assinantes.

Apresentamos os nossos agradecimentos aos seguintes amigos que se inscreveram e considerámos como assinantes patrocinadores, os Srs.:

Eduardo Alberto Alves da Silva
Ernesto de Sousa
Major Fernando Silva Caetano
Rui da Silva Paulo
Eugénio Ribeiro Nunes
Rui Alberto Martins Campos
António Augusto da Silva e Cunha

Vem para Escoteiro

Vem para escoteiro, jovem português!

Que palavras tão belas, quando são pronunciadas por um Escoteiro-Chefe da nossa ou de outra associação escotista.

Vinde para escoteiro!

Estas palavras, por vezes, tornam-se confusas, quando dirigidas a um rapaz não conhecedor do nosso Movimento, nem da missão do Escotismo no nosso planeta, que se chama Terra.

Rapazes escoteiros: Vocês calculem bem o que seria aumentar-se o Movimento escoteiro no nosso País.

Nós, organizados por patrulhas, poderíamos fazer uma propagação do Escotismo em Portugal. Decerto no teu grupo, caro escoteiro, existem uns folhetos que são para entregar aos rapazes do teu bairro. Ora, tu e mais alguns escoteiros da tua patrulha, poderíam juntar-se e ir pelas ruas entregar esses folhetos, ou ainda, metê-los nas portas e caixas do correio.

Seria talvez melhor que os entregassem às portas, pois assim poderiam dar mais amplas explicações à quem perguntasse, explicando desta forma a acção benéfica que o escotismo está desenvolvendo a favor da Pátria, da Sociedade e da Humanidade.

Vamos escoteiros portugueses! Vamos depressa desenvolver esta campanha de propaganda do Movimento fundado por Lorde Baden-Powell.

Até breve e boa caça,

LOBO NEGRO
(13 anos)

SE . . .

RUDYARD KIPLING

SE podes conservar o teu bom senso e calma,
Num minuto a delirar, p'ra quem o bom és tu;
Se podes crer em ti, com toda a força d'alma,
Quando ninguém te crê; se sais faminto e nu
Trilhando sem revolta um rumo solitário;
Se à torva intolerância, à negra incompreensão
Tu podes responder, subindo o teu calvário
Com lágrimas de amor e bênçãos de perdão;

SE podes dizer bem de quem te calunia;
Se dás ternura em troca aos que te dão rancor,
Mas sem a afectação dum santo que oficia,
Nem pretensões de sábio a dar lições de amor,
Se podes esperar sem fatigar a esperança;
Sonhar, mas conservar-te acima do teu sonho;
Fazer do Pensamento um Arco de Aliança,
Entre o clarão do inferno e a luz da céu risonho;

SE podes encarar, com indiferença igual
O Triunfo e a Derrota — eternos impostores;
Se podes ver o Bem oculto em todo o mal
E resignar, sorrindo, o amor dos teus amores,
Se podes resistir à raiva ou à vergonha
De ver envenenar as frases que disseste
E que um velhaco emprega eivadas de peçonha,
Com falsas intenções que tu jamais lhes deste;

SE és homem p'ra arriscar todos os teus haveres
Num lance corajoso, alheio ao resultado
E calando em ti mesmo a mágoa de perderes,
Voltas a palmilhar todo o caminho andado;
Se podes ver por terra as obras que fizeste,
Vaiado por malsins, desorientando o povo,
E sem dizer palavra e sem termo agreste
Voltares ao princípio, a construir de novo;

SE podes obrigar o coração e os músculos
A renovar o esforço, há muito vacilante,
Quando já no teu corpo, afogado em crepúsculos,
Só existe a Vontade a comandar «Avante!»;
Se, vivendo entre o povo, és virtuoso e nobre
Ou vivendo entre os reis, conservas a humildade;
Se, inimigo ou amigo, o poderoso e o pobre
São iguais para ti à luz da Eternidade;

SE quem conta contigo encontra mais que a conta;
Se podes empregar os sessenta segundos
Dum minuto que passa, em obra de tal monta
Que o minuto se espraia em séculos fecundos...

... Então, ó ser Sublime, o mundo inteiro é teu!
Já dominaste os reis, os tempos e os espaços;
Mas, ainda para além, um novo sol rompeu
Abrindo um infinito ao rumo dos teus passos;

Pairando numa esfera acima deste plano,
Sem recear jamais que os erros te retomem,
Quando já nada houver em ti que seja humano,
Alegra-te, meu filho, então serás um HOMEM!

(Versão livre de Félix Bermudes)

Boas Festas

Tiveram a gentileza de nos endereçar o seu cartão de Boas Festas e votos para o Ano Novo, os seguintes amigos dedicados, a quem sinceramente agradecemos e retribuímos:

Srs. Armando Jaime Soares e Esposa, Ernesto B. Rola, Eng.º José Maria Nobre Santos, de Lisboa; António Barbosa e António Pacheco da Silva, do Porto; António Viegas Custódio, de Carcavelos; José Manuel Pereira, de V. R. St.ª António; Manuel Valério, do Entroncamento; H. T. Gomes de Freitas, de Porto Santo; prof. Leopoldino Rocha Tavares, Jorge Ávila Gonçalves e Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo; José Rana e família, da Guiné; José Camacho, de Luanda; D. Ana Leitão e José Reinaldo, de Lourenço Marques; Alfredo C. B. Rodrigues, da Beira.

Comissão Executiva do Círculo de Antigos Nadadores, Igreja Evangélica Presbiteriana de Lisboa, seus departamentos e pastor; Comissários Internacionais do Escotismo Português, Junta do Núcleo de Braga, do C. N. E.; Companhia Rainha Isabel (2.ª Companhia da Região Norte) das Guias de Portugal, D. Vicente Tarazona Tomás, comissário chefe de zona dos «Scouts de España» e La Delegación Diocesana de Esculismo y su Consejo, de Espanha, Valência.

Grupos 4, do Porto; 7 e 8 de Lisboa; 52, de Angra do Heroísmo; 14, de Algés; 44, de Gaia; 93, de Sintra; Caminheiros da Equipa Alexandre Herculano do Grupo n.º 94, e Robbialac Portuguesa.

O «Amoníaco Português» teve a gentileza de nos enviar, com os seus cumprimentos, um calendário de sua edição. Sinceramente agradecemos.

Tiveram ainda a gentileza de nos visitar e apresentar cumprimentos de Ano Novo os nossos amigos srs. Luís Simões Aurélio e Wolfgang Karl. Agradecemos.

Entre as mensagens recebidas, destaca-se uma de um Escoteiro do Grupo 4, militar servindo a Pátria em Angola, que desejamos transcrever:

Natal Feliz e um Ano Novo repleto de prosperidade é o que mais ardentemente desejo para todo o pessoal do «Sempre Pronto» e todos os Escoteiros de Portugal. Do «Sempre Pronto».

a) JOSÉ FIGUEIREDO

Também nós particularmente saudamos no Escoteiro José Figueiredo todos os nossos companheiros que se encontram em serviço militar nas províncias ultramarinas portuguesas, afirmando-lhes que sempre os temos presentes na nossa saudade.

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Passeio ao Rio Seco

Em 4 de Novembro, o Grupo deslocou-se ao sítio do Rio Seco, do concelho de Castro Marim, competindo as patrulhas em transmissões a distância, nós e treino de primeiros socorros, sendo tiradas algumas provas de classe.

Bivaque nos Três Pauzinhos

Em 9 de Dezembro, a Patrulha Poupa realizou um bivaque no local denominado Três Pauzinhos, desta vila, para treino de técnica escotista.

Concurso «Jubileu do Escotismo Português»

Está a despertar o maior entusiasmo o Concurso Trimestral «Jubileu do Escotismo Português», cuja disputa redobrou agora de interesse, graças à oferta, pelo antigo e dedicado dirigente deste Grupo, Sr. Alfredo da Cruz Rodrigues, residente na Beira (África) Oriental Portuguesa), de sete facas de mato com as respectivas bainhas, aos escoteiros da patrulha melhor classificada. — *C.*

Dirigentes Escoteiros cumprimentaram o Sr. Comodoro Daniel Duarte Silva

Dirigentes escoteiros ligados aos grupos n.º 8, 10, 14, 53 e 94 de Lisboa, desejando que o Sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, ex-Escoteiro-Chefe-Geral, conservasse um testemunho da gratidão que lhe votam pela forma íntegra como desempenhou aquele alto cargo nos Escoteiros de Portugal, entregaram-lhe no dia 27 de Dezembro passado, em cerimónia simples mas sentida, efectuada na sala de sessões da Corporação da Pesca e Conservas, uma mensagem, artìsticamente desenhada em pergaminho pelo ilustre artista Narciso de Morais, na qual se afirmava:

Nós, dirigentes escoteiros de fé evangélica, membros dos Escoteiros de Portugal, no momento em que V. Ex.ª, mercê das suas muitas e importantes obrigações sociais, vai resignar ao alto cargo de Escoteiro-Chefe-Geral, não queremos deixar de manifestar o nosso desgosto por vermos, assim, o Escotismo Português privado de tão valioso concurso.

Durante estes dez anos em que V. Ex.ª ocupou, com invulgar integridade e civismo, este difícil cargo, foi-nos grato verificar que, aos nossos anseios de compreensão, de concórdia e justiça, correspondeu V. Ex.ª com uma atitude de cordialidade e rectidão deveras cativante e reveladora do espírito de verdadeiro escoteiro de que V. Ex.ª sempre deu bastas provas.

Agora que V. Ex.ª se afasta do lugar que tão dignamente desempenhou, queremos significar-lhe os sentimentos de gratidão que para sempre hão-de perdurar nos nossos corações, fazendo ardentes votos de mil venturas e de contínuos êxitos.

Lisboa, 22 de Novembro de 1962

(Seguiam-se as 11 assinaturas)

O Sr. Comodoro Duarte Silva agradeceu a homenagem que lhe era prestada e em conversa agradável com todos os presentes falou das virtudes do Escotismo e disse da necessidade que há de todos os escoteiros se unirem num esforço de difusão e desenvolvimento do Escotismo em Portugal.

— — ✱ ● ✱ — —

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doente — Encontra-se muito doente, o que muito sentimos, a Esposa do nosso dedicado colaborador e amigo, Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros, pelo que lhe endereçamos votos sinceros de boas melhoras.

Considerações oportunas

O Boletim oficial n.º 4, de 30 de Novembro passado, publicou as seguintes judiciosas considerações subscritas pelo Sr. Presidente dos Escoteiros de Portugal. Porque a sua meditação nos parece do maior interesse, transcrevemo-las na íntegra:

Chegaram ao nosso conhecimento notícias de atitudes, contrárias às normas escotistas, assumidas por alguns elementos da A. E. P.

Julgo, por isso, dever fazer algumas considerações, na esperança de que a leitura destas palavras e, sobretudo, uma ponderada reflexão, cheguem para fazer ver a esses elementos que o seu procedimento concorre para a existência de um certo mal estar nas nossas fileiras e para desprestígio da nossa Associação.

Nós fomos escoteiro, como fomos guia de patrulha e chefe de grupo, ainda hoje nos orgulhando de tê-lo sido. Pode dizer-se que foi no Escotismo que começaram a desenvolver-se, e a ser aproveitadas, as nossas qualidades de direcção e comando, mas sobretudo foi no Escotismo que começámos a aprender a sério a CUMPRIR.

Tínhamos prestado, solenemente, um Compromisso de Honra, e estava sempre presente no nosso espírito a necessidade e a obrigação de cumpri-lo.

Era esse Compromisso, assim como as leis do escoteiro, que orientavam a nossa actividade.

Ao A B C dos escoteiros de então correspondia, na realidade, ACTIVIDADE, BRIO e CORRECÇÃO, actividade com o fim de nos tornarmos úteis à Pátria e ao nosso semelhante; brio na forma como envergávamos o nosso uniforme e tomávamos parte nas cerimónias para que éramos convidados ou ao desfilarmos pelas ruas da cidade, e correcção de palavras e de acções.

Tínhamos a preocupação de praticar boas acções, e fazíamo-lo discretamente, sem alarde.

Por outro lado, evitávamos a prática de actos que pudessem constituir infracções às leis do escoteiro.

Nesse tempo trabalhavam os rapazes (e dava satisfação vê-los a prestarem provas que os habilitassem à obtenção de distintivos de classe e de especialidade), trabalhavam as patrulhas, com os guias de facto a dirigi-las e a representá-las nos «conselhos de guias» onde faziam sugestões e discutiam, como «homens conscientes dos seus deveres», os assuntos que ali se apresentavam para apreciação e resolução, e trabalhavam os Grupos, que se aprestavam para os «exercícios gerais» e para os concursos. Periòdicamente realizavam-se reuniões de chefes, nas quais havia alegria, vivacidade e camaradagem, ocupando-se o tempo no debate de questões de interesse para o Movimento e nunca se pensando em estabelecer «diálogos de culpas»...

Enfim, todos se conduziam de maneira tal, que havia actividade e progresso e se granjeava para o Escotismo respeito e simpatia.

E porque não há-de voltar a ser assim?

Os rapazes desejam-no com certeza.

Todos sabem que a matéria-prima continua a ser boa, e os rapazes cumprem, desde que sejam bem orientados e dirigidos.

Parece que o mal reside em elementos que se esquecem de cumprir aquilo a que se obrigaram, estando, com as suas palavras e acções, a desvirtuar o Movimento e a prejudicar a Associação. Juntam-se a esses os que, embora hajam prestado alguns serviços no passado, teimam em impedir que outros os substituam, não querendo reconhecer a valor da máxima que nos ensina que «apenas serve bem quem estiver disposto a ser substituído por quem sirva melhor».

Devemos dizer que não viemos para a Associação com outro propósito que não fosse o de servir o Movimento e, consequentemente, o de levar benefícios aos rapazes.

Temos tido por norma louvar e recompensar os que têm revelado mérito, prestado relevantes serviços ou sido assíduos e devotados. E só isso. Bem desejaríamos continuar a seguir esse caminho, contando-se para tanto com o bom senso e a inteira colaboração de todos.

Vai a Associação comemorar as suas bodas de oiro. Mas, na verdade, só poderá festejá-las condignamente se houver entre todos fraternal entendimento e desejo sincero de cooperar.

Apelo por isso no sentido de que os desavindos façam as pazes e todo se dêem, lealmente, as mãos e se esforcem por levar a efeito obra útil a bem do Rapaz.

Haja boa convivência nas reuniões de chefes! Que os rapazes vejam neles pessoas realmente activas, briosas e correctas, cuidadosas com o que dizem e com o que fazem.

O Compromisso e as leis têm de ser respeitados e cumpridos por todos.

Os Grupos têm de ser verdadeiros centros de educação escotista, com as patrulhas dirigidas efectivamente pelos seus guias e ocupando-se de provas de classe, de visitas de estudo, de bivaques e acampamentos, de boas acções, em tudo aplicando, integralmente, as regras do belo ESCOTISMO.

E, dessa forma, a A. E. P. voltará a desenvolver-se e readquirirá o seu prestígio.

E todos daremos por bem empregado o tempo que lhe dedicámos.

HENRIQUE DOS SANTOS TENREIRO

É muito especialmente durante os contactos directos e pessoais do Chefe com os seus rapazes que se apresentam reais oportunidades para se levar o rapaz a cumprir os seus deveres para com Deus; faça-se pleno uso dessa influência, recordando «que para se conseguir ensinar os ideais do Escotismo sem se assentar na base fundamental da existência duma verdadeira Fé, isso não é fácil para o rapaz».

Manual do Curso Preliminar para Chefes de Tribo
Insígnia de Madeira
Tradução do Eng.º José M. Nobre Santos



Um herói desconhecido

Manuel Ferreira, que viverá para sempre nos nossos corações, estará também ainda presente durante vários números nas colunas de «Sempre Pronto», que ele tanto estimou, graças à sua extraordinária e apreciada actividade literária, pois temos ainda diversos e interessantes contos em carteira. Neste, que hoje inserimos, ele retrata-se na figura do doutor Mexia, que «consagrava todas as horas de ócio a rebuscar nas bibliotecas e arquivos elementos para o estudo de muitos heróis ignorados».

— É como lhe digo, meu caro Paulo.— observava o doutor Mexia. —A História é feita de desconhecidos.

Infatigável investigador, o doutor Mexia consagrava todas as horas de ócio de professor liceal, a rebuscar nas bibliotecas e arquivos elementos para o estudo de muitos heróis ignorados. Assim, não se preocupava com as figuras já conhecidas e cujos nomes eram apregoados pelas tubas da fama. Os seus cuidados e todo o seu interesse iam para aqueles de que ninguém falava e para quem a morte trouxera o esquecimento. Às vezes, quando o criticavam por se dedicar a tais pesquisas, necessàriamente demoradas, o doutor Mexia replicava:

—Os esquecidos é que precisam de quem os lembre. As vitórias devem-se a generais e soldados, mas destes ninguém se lembra. Por isso, é grande a minha satisfação quando consigo desenterrar do pó dos arquivos um esquecido e dar-lhe, na História, o lugar que lhe compete.

A tarefa do ilustre professor era árdua, pois os arquivos ocultam, ciosos, velhos documentos que falam de actos de bravura, de atitudes abnegadas.

—É por isso que admiro muito Rocha Martins.—continuava o doutor Mexia. —Era um infatigável trabalhador das letras mas, ao mesmo tempo que escrevia um trabalho de fôlego sobre a Restauração ou as invasões francesas, redigia artigos num jornal diário da capital sobre humildes da História. Ali desfilaram o alferes Chamusco, trucidado em Palule; o João dos Cães, criado de D. Afonso VI, que nunca o desamparou na desgraça; o bombeiro Bernardino Costa, herói do incêndio na rua que tem hoje o seu nome, no Corpo Santo; e tantos, tantos outros. Em Timor, por exemplo, quantas figuras que o povo não conhece: o alferes Francisco Duarte, o Arbiro; os governadores Alcoforado e Lacerda Maia, o alferes Francisco Costa, o bravo de Lacumaras, o major Mascarenhas Inglês, morto em combate...

Paulo ouvia, interessado, o amigo:

—Tens razão, meu caro. Eu que, como sabes, sou um curioso por estes assuntos, só ainda há bem poucos anos fiquei sabendo quem eram o capitão Curado, os tenentes Viriato de Lacerda e Humberto de Ataíde e Martins de Lima, o cavaleiro do Mufilo.

O doutor Mexia continuava:

—E quem se lembra de Pais Leme, o caçador de esmeraldas? E de Brás Cubas, fundador da cidade de Santos? E de Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro? E de D. Sancho Henriques, herói de Malaca? E de Nicolau de Mesquita, o bravo de Passaleão? E do Beato Inácio de Azevedo, mártir da fé no Oceano Atlântico? Quem se lembra deles?

— Repito, tem muita razão — observou Paulo.— Como se não lhes bastasse a morte, ainda sobre alguns caiu a ingratidão dos seus compatriotas.

—Vou só contar-lhe o exemplo de um herói desconhecido. Quando estava consultando uma colecção de jornais de 1907, li uma notícia que me impressionou. Numa noite de Novembro daquele ano, deu-se um incêndio, em Cacilhas, na fábrica de cortiça Smyngton. O clarão iluminou a cidade. O incêndio propagou-se às dependências da fábrica, salvando-se difícilmente algumas famílias. Então, o maquinista Joaquim dos Santos, quando as chamas já lambiam o pavimento e paredes, lembrando-se de que a válvula da caldeira estava fechada, quis abri-la para evitar a explosão. Um polícia, vendo o perigo iminente que o operário corria, quis opor-se aos seus intentos. Agarrou-o, mas Joaquim dos Santos lutou, soltou-se e, com risco da própria vida, atravessou as chamas e abriu a válvula. Cumpriu o seu dever, com extrema abnegação, mas o seu acto custou-lhe graves queimaduras. Ora veja lá, Paulo, se este homem não foi um humilde da História cujo nome merece ser relembrado...

O Anúncio do Mês

«Sempre Pronto» dá este mês início a uma nova modalidade de publicidade. Trata-se do ANUNCIO DO MÊS. Este é-nos concedido por uma Empresa amiga do Escotismo com o fim de patrocinar a divulgação do nosso jornal, portanto, uma Empresa que por reciprocidade merece a simpatia e preferência dos Escoteiros e Antigos-Escoteiros. A importância recebida desse anúncio destinar-se-á ao aumento de páginas. Hoje, portanto, as quatro páginas suplementares que oferecemos aos nossos leitores devem-se à gentileza da Pan American.

É interessante que esta nossa iniciativa tivesse principiado com publicidade de uma Empresa que tem certas afinidades com o Escotismo. Enquanto o nosso Movimento se pode considerar o pioneiro das relações internacionais da juventude numa escala sem precedentes, a PAN AMERICAN é também a pioneira das relações internacionais através da Aviação Comercial.

Constituída em 1927, por iniciativa de um grupo de doze ex-pilotos da Grande Guerra de 1914/18, à frente dos quais se encontrava já o actual Presidente Juan T. Tripp, o grande impulsionador da aviação comercial, a companhia começou a sua actividade com um capital de cerca de 8500, contos, dois aparelhos e vinte empregados, trinta anos mais tarde a companhia tinha um capital de 3 milhões e 200 mil contos, 130 aviões de longo raio de acção, 18 mil empregados e serviços que se estendem a 84 países do mundo.

No declinar de 1955, a Pan American novamente causou a admiração do Mundo, iniciando triunfalmente a era do jacto. Quando todos se preparavam para estudar os preliminares da utilização de aviões de jacto no transporte comercial, a Pan American anunciou espectacularmente a assinatura de contratos para a compra das últimas maravilhas da indústria aeronáutica americana, investindo 270 milhões de dólares no empreendimento.

É esta a categoria da PAN AMERICAN, a companhia de aviação que subscreve o primeiro Anúncio do Mês de «Sempre Pronto», patrocinando, portanto, a publicação deste número. Estamos certos de que outras Empresas virão ao nosso encontro cooperando na obra educativa do Escotismo, movimento que prepara jovens para o desempenho eficiente das tarefas profissionais, que hoje, mais do que nunca, exigem homens de carácter, capazes de se desembaraçarem em todas as circunstâncias.

HÁ 38 ANOS

Assim nasceu o Grupo 6 de Olhão

Naquela manhã de 7 de Janeiro de 1925, de primavera precoce, radiante, um grupo de senhores, representando as forças vivas da localidade, embainhados nos seus «fraques» de cerimónia, cabeças cobertas com chapéus de coco dos momentos solenes; ansiosos, postados na gare do caminho de ferro de Olhão, aguardavam o comboio-correio.

Fora, no largo, deputações dos clubes desportivos, com seus estandartes ao alto, e muito povo; multidão vibrando sob os acordes de estridente marcha guerreira, executada pela filarmónica, luzida em seus uniformes de gala, mantinha o ambiente de grande espectativa.

É que, — da troca de correspondência entre dois campeadores das batalhas em prol da educação da juventude, resultara todo aquele aparato: a solene Comissão de Recepção; a formatura da Corporação de Bombeiros; as deputações da mocidade desportiva; a Filarmónica marcial e luzida e a compacta concentração da grei popular, espectante.

Ali, estava também, agregado à Comissão, Humberto Martins, homem que até então um *atelier* litográfico guardava, no incógnito, avaramente, como para não deixar transparecer o seu talento de artista. Mais tarde ele seria o primeiro chefe dos escoteiros de Olhão e o introdutor do basquetebol no Algarve

Chegou o comboio! Estrelejaram foguetes. Os senhores da Comissão receptora tomaram posições. O indigitado orador oficial, esticou os punhos engomados e, dedo em riste, preparou-se para a alocução de boas vindas: «Meus senhores! Faltaria a um dos mais sagrados deveres...»

Rompeu a Filarmónica num hino delirante!... Parou o comboio e dele brotou a simpática missão dos Escoteiros de Portugal, rapaziada risonha e simples, gárrula, natural e galharda, chefiada pelo veterano, comissário da zona de Lisboa, Joaquim Amâncio Salgueiro Junior, algarvio bem conhecido dos Olhanenses.

A vista da rapaziada, o gelo dos momentos solenes derreteu-se, de súbito.

Afinal, aqueles sorridentes moços não podiam ser tratados, protocolarmente, como estranhos de cerimónias. Eram gente «especial». Igual a si própria. Eram Escoteiros. Considerámo-los nossos amigos; nossos irmãos.

Assim pensou o frustrado orador oficial que, temendo o ridículo, encolheu a tempo o dedo indicador e a tempo enguliu o discurso!...

E, no momento em que tomava, com os excelentes rapazes, o primeiro contacto, apesar dos seus 37 anos bem puxados, sentiu-se LOBITO e jurou aos seus botões que também havia de ser Escoteiro. E cumpriu a promessa.

Hoje, recordamos com saudade esse primeiro contacto com os Escoteiros do Grupo n.º 1. Quem eram eles? Relembremos os seus nomes: Fernando Castel-Branco, Albano da Silva (que, mais tarde seria o padrinho perpétuo dos escoteiros algarvios), Leão d' Almeida, António Prates, Baptista da Silva, Avelino Gonçalves, Silva Paulo, Aníbal Vieira, Álvaro Vieira e Edmundo de Matos.

Chegados ao Largo, os componentes da patrulha «Leão» do Grupo n.º 1, irradiante de simpatia, impôs-se a toda a gente, pelo seu porte, pela sua correcção.

A intenção de solenidade fora vencida pelo espírito de fraternidade.

O ridículo protocolo morrera à nascença.

Apetecia conduzir aqueles rapazes de braço dado, cantando e rindo com eles descuidadamente através das ruas da vila; mas, o programa estava traçado. Teríamos de cumpri-lo. Lá fomos, em cortejo, até à Câmara Municipal onde a Vereação, tendo à frente o seu presidente, acompanhado de uma comissão de senhoras, lhes deu as boas vindas, em nome do Povo de Olhão da Restauração.

Durante o dia, os nossos hóspedes visitaram a pitoresca Vila Branca Cubista e confraternizaram com alguns jovens da terra; estes encantados com tão franca e agradável convivência.

À noite, no teatro Apolo, teve lugar o espectáculo de propaganda. Abriu com o hino da Associação, entoado pelos Escoteiros, aplaudidos com entusiasmo. O comissário Amâncio Junior, fez uma palestra alusiva.

Seguiu-se a passagem do filme «Sempre Pronto». Agradou, como espectáculo e esclareceu completamente o público sobre a vida altruísta do Escoteiro; sobre a essência do método educativo. Por fim, realizou-se

→

DOS AÇORES

Grupo N.º 52—Angra do Heroísmo

DIA DA RESTAURAÇÃO

Os Escoteiros deste Grupo reuniram-se na sua sede no dia 1.º de Dezembro, onde procederam ao içar da bandeira nacional, tendo o Chefe Moniz Silva dirigido algumas palavras aos rapazes acerca da comemoração.

VISITA CULTURAL ÀS LAJES

Neste mesmo dia, os Escoteiros realizaram o seu passeio anual do 1.º de Dezembro, como convidados da organização escoteira do Destacamento Americano nos Açores, tendo partido de Angra com o seu Chefe, com o Chefe Adjunto Americano Jack Camery e com mais cinco graduados americanos, que foram os guias dos rapazes portugueses durante a demorada visita.

Os Escoteiros do 52 foram saudados pelos dirigentes do «Troop 1», Presidente Alford e Chefe Blanton, encontrando-se presente o capitão Larrieu dos Serviços de Imformação, com uma equipa de serviço de Rádio-Televisão americana. Os visitantes receberam também os cumprimentos de boas-vindas do Coronel Wild, em nome do General LeBailly, o qual manifestou a sua satisfação pela visita dos escoteiros portugueses

A visita teve início pelo Esquadrão de Busca e Salvamento, onde se apreciaram as evoluções de um moderno helicóptero, que propositadamente fez uma série de demonstrações perante os escoteiros. O tenente Hoffman dirigiu esta visita e deu esclarecimenos aos escoteiros. Os rapazes puderam ainda visitar demoradamente um moderno avião HC-54.

Uma surpresa agradável

Tendo sido perguntado ao Chefe Moniz Silva se ele e os seus escoteiros gostariam de dar um passeio de avião, consultados os rapazes, receberam o convite com entusiasmo. Preenchidas as devidas formalidades, os escoteiros portugueses e americanos entraram para o avião C-47, um bimotor de busca e salvamento, comandado pelo Capitão Lee. O avião descolou e percorreu toda a costa da Ilha Terceira, abrandando a marcha a fim de ser apreciado todo o belo e caprichoso litoral, demorando-se sobre os Ilhéus das Cabras e terminando nas Lajes, depois de 40 minutos de viagem.

No Centro de Operações dos mesmos Serviços, o respectivo comandante, Tenente-Coronel Soule, deu as boas vindas aos visitantes, agradecidas pelo Chefe Moniz Silva. Foram aqui servidas bolachas e sumos de frutos aos escoteiros portugueses e americanos, que tiveram oportunidade de confraternizar largamente.

Almoço de Confraternização

No Clube de Oficiais Americanos, os Escoteiros de Portugal receberam os cumprimentos do General LeBailly, comandante do Destacamento, após o que no salão privativo foi servido um almoço tipicamente americano. O General LeBailly quis almoçar com os escoteiros, tendo a seu lado o Chefe do 52 e os dirigentes americanos. No final, foi servido um bolo, artisticamente decorado, oferecido pelo Grupo de Escoteiros Americanos, no qual se lia: *Benvindos os Irmãos Escoteiros do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal.* Procederam ao corte simbólico dois graduados, o Guia americano Craig Lovel e o Secretário do 52, professor Leopoldino Tavares.

→

DOS AÇORES

Findo o almoço, o General LeBailly afirmou a sua satisfação pela presença dos Escoteiros portugueses e congratulou-se pelo acentuado espírito de camaradagem que existia entre os Escoteiros de Portugal e os «Boy Scouts of America», da estação das Lajes.

Agradeceu o Chefe Moniz Silva, dizendo também da sua satisfação na qualidade de pioneiro de boas relações luso-americanas, lembrando, como português e escoteiro, o 4.º artigo da nossa Lei — *O escoteiro é amigo de todos e todos os Escoteiros são seus irmãos.*

Prosseguindo na visita, foi-lhes dada oportunidade de apreciar a Secção de Paraquedas e Salvamento, onde foram feitas demonstrações sob a orientação do Sarg. McDonough, que também acompanhou os visitantes ao Esquadrão de Manutenção de Aviões, onde lhe foram mostrados motores de todos os tipos de aviões que passam pela Base 4.

Um agradável passeio pela Baía

Dali seguiram para o porto da Praia da Vitória, onde lhes foi oferecido um passeio pela extensa Baía numa grande barcaça de desembarque americana.

No regresso visitaram a Rádio-Televisão americana, onde puderam assistir à exibição de um documentário da primeira parte da sua visita à Base, destinado ao programa de actualidade da Rádio-Televisão americana.

E assim encerrou uma profícua jornada de confraternização luso-americana e uma magnífica oportunidade cultural.

NA PRAIA DA VITÓRIA

A convite do Agrupamento XXIII do C. N. E. na Praia da Vitória, o Chefe Moniz Silva e uma delegação do 52 estiveram presentes nas cerimónias das promessas dos Escoteiros do referido agrupamento, que se realizaram na Igreja Matriz, antes da Missa, no Domingo, 2 de Dezembro.

Estiveram presentes delegações dos agrupamentos da B. A. 4 (C. N. E.) e dos «Boy Scouts of America» (Troop 1-Lajes).

Os Escoteiros concentraram-se na sede do grupo em festa, donde desfilaram até à Igreja Matriz. Por especial deferência, foi convidado a comandar a formatura o Chefe Moniz Silva.

Depois das cerimónias, houve um lanche de confraternização na Sede.

AGRUPAMENTO DA ESTAÇÃO AMERICANA

Realizou-se no dia 6 de Dezembro, numa dependência do «High School» da Estação Americana, uma sessão solene escotista, durante a qual numerosos escoteiros receberam insígnias de classe, distintivos de especialidades. Foram distribuídos vários novos cargos e ainda imposta a insígnia de «Eagle Scout» (Escoteiro da Pátria) ao Escoteiro Craig Lovell, o segundo elemento da divisão escoteira do «Troop I-Lajes» a quem tal distinção é conferida.

Na mesma reunião foi entregue ao General LeBaill, comandante das forças americanas nas Lajes, o diploma de sócio honorário do «Troop I», sendo-lhe igualmente conferida a categoria de Escoteiro de primeira classe.

Visitaram o Grupo Americano, tendo assistido à reunião, o chefe Moniz Silva acompanhado duma Delegação do Grupo 52. — *C.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

À SENTINELA

Ao recordar certos dias passados na vida de escoteiro, não posso ficar indiferente a um caso que vou contar:

Foi numa noite de Julho em que o grupo acampou no pinhal de Salgueiros. Um lugar aprazível, mesmo defronte do mar.

Tinha tocado o recolher, e eu fazia o primeiro turno de sentinela. Uma meia hora tinha passado, e tudo se tinha calado, então. Só o mar, com o ruído das suas ondas batendo de mansinho na areia, e eu nos mantínhamos acordados.

Então, esquecendo-me da minha obrigação, sentei-me encostado a um pinheiro e pensativamente olhei o mar. A lua batendo-lhe com os seus raios, produzia reflexos que clareavam em grande extensão. Pensei então na grandeza daquilo que vi: o mundo. Mas o mundo criado por Deus. A paz, a tranquilidade que todos deviam viver, estavam ali no sossego daquela noite.

Gostei então mais da vida, porque compreendi que Deus no-la criou para nós, cheia de encanto.

Não só o mar, mas à minha volta os pinheirais no sossego daquela noite, mostraram-me a grandeza do Criador.

Compreendi melhor, que Ele está ali, aqui, acolá, em toda a parte.

Fiquei um tempo mais a olhar o oceano. Além, lá na linha do Horizonte, um barco ia avançando lentamente até se perder de vista, sempre no seu contínuo viajar.

E quem me dera ser como ele! Poder viajar, conhecer a terra toda, toda ela de Deus!

Continuei a olhar um tempo sem conta, até que uma brisa fresca e suave me despertou daquela semi-inconsciência, daquele sonhar acordado. Olhei o relógio, e quarenta minutos tinham passado da hora do meu turno. Levantei-me então e dispus-me a chamar o «Flecha de Prata», a sentinela que se seguia. Ao penetrar na tenda onde ele dormia, não pude deixar de sorrir, como a censurar-me pelo meu péssimo serviço dessa noite.

CORÇA VERMELHA
GAIA

HÁ 38 ANOS

a demonstração dos exercícios regulamentares, tais como sinalização, prontos socorros, etc., que muito interessaram.

No dia seguinte, aos nossos hóspedes foi oferecido um passeio marítimo e visitaram a Ilha de Santa Maria (Farol), onde os esperava uma saborosa caldeirada, confeccionada por pescadores.

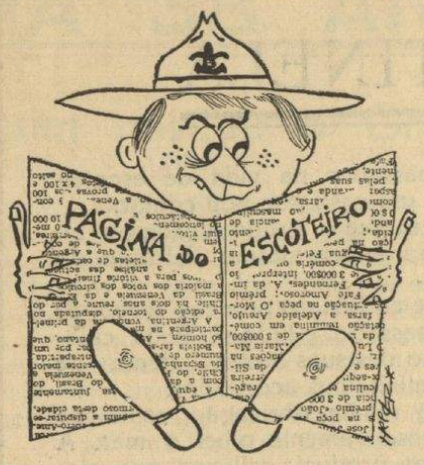
Apreciaram a paisagem e... lamberam os beiços!...

Foi com pesar que o povo de Olhão viu partir, no dia 9, os garbosos Escoteiros do Grupo n.º 1. A sua linha de conduta e as suas demonstrações escoteiras conseguiram vincar na juventude olhanense o espírito escoteiro. Tanto assim, que, correspondendo ao apelo da comissão especial, constituída por Luís Antonio de Azevedo Velez, tenente Francisco José Dentinho (hoje tenente-coronel), Humberto Martins e o autor deste apontamento, um numeroso Grupo de rapazes inscreveu-se na lista de aspirantes que viriam a formar um bloco-base, fundamental, do que é hoje o Grupo n.º 6 de Escoteiros de Portugal, com sede em Olhão.

Os que assistiram às demonstrações técnicas dos Escoteiros do Grupo n.º 1, que usufruíram a sua alegre e correcta convivência, jamais os esqueceram. Guardamos nos nossos corações o sentimento de gratidão, pelo serviço inicial que prestaram a muitas centenas de jovens que se tem formado nas fileiras do nosso Grupo local. (...)

«Sempre Pronto»
JOÃO LOBO DE MIRANDA TRIGUEIROS

De uma mensagem enviada na ocasião das comemorações do 50.º aniversário do 1.º Grupo por João Lobo de Miranda Trigueiros, Delegado Regional da A. E. P. e Delegado provincial da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.



Meu caro Escoteiro:

Fizeste bem em me consultar acerca do teu problema, porque tenho muita satisfação em te ajudar. O que me contas é muito natural e cumpre-te compreender a posição do teu Escoteiro-Chefe. A vida hoje exige muito daqueles que têm responsabilidades de família e, por isso, nem sempre os Chefes de Grupo podem dispensar às suas unidades aquela atenção que seria necessária. Mas é exactamente nestas circunstâncias que o sistema de patrulhas *revela toda a sua utilidade e eficiência. A tua Patrulha não deve nem pode suspender a actividade em face dos impedimentos do Chefe do Grupo. Compete a Vocês prosseguir com a vida da Patrulha, promovendo encontros, jogos, exercícios, reuniões, boas acções e tudo o mais que for próprio e possível. Até mesmo pela razão da falta de assistência do Dirigente do Grupo, devem Vocês redobrar de esforços para que fique bem provado que sois dignos da farda de Escoteiro e que sois capaz* de levar a carta a Garcia. *A Patrulha sabe o que tem a fazer e faz mesmo.*

Para a frente, pois, para que o vosso Chefe saiba que os «Águias» são verdadeiros Escoteiros.

Um abraço do teu amigo dedicado e

«Sempre Pronto»
LOBO VELHO

É assim que o Chico Patatenra aprende!

O ESTADO DE CHOQUE

Trrim!... Trrim!....

Às 20.30 do dia seguinte, lá estava o nosso amigo Chico a tocar à porta do António, inteligente Guia da Águia.

— Ora viva, seu Chico! Faça favor de entrar.

— Então com licença. — Já dentro de casa, saudou o amigo e encaminhou-se com ele para a sala de estar. — Tens uma casa verdadeiramente escoteira, quantas insígnias e galhardetes....

— Não são só minhas, pertencem também a meu pai que foi escoteiro no grupo 1. Tenho aqui um cartão com um autógrafo de B. P., que meu pai conseguiu quando o Fundador veio pela primeira vez a Portugal.

— É interessante! Também gostava de ter um, mas já não deve ser muito possível arranjá-lo.

Cavaquearam acerca de escotismo durante algum tempo e depois o Guia entrou no assunto da reunião.

— Querias saber ontem o que era o estado de choque, não é assim? — Chico fez um sinal afirmativo e António continuou: — O estado de choque pode acontecer após um desastre, uma queda, quer a pessoa perca ou não sangue. É um estado muito melindroso que provoca a morte se não houver sérios cuidados com a vítima.

— E como se reconhece isso? — perguntou o Patatenra.

— Vais já saber: A vítima fica com a pele descorada, húmida e fria; a pulsação é rápida, respira irregular e curtamente e, ainda, se está com os sentidos, mostra-se assustada e inquieta.

— Como devo então agir? — arriscou interessado o Chico.

— Simplesmente — retorquiu o Guia — deitas o paciente com a cabeça mais baixa que os pés, isto se não houver ferimentos na cabeça ou no peito, caso em que terias de a levantar ligeiramente. No entanto, se houvesse nesta posição dificuldade em respirar, tinhas que baixar-lhe a cabeça.

— E depois...

— Depois, desapertas a roupa da vítima, mas manténs o paciente tapado com cobertores para conservar o calor do corpo. Nota que não convém aquecer de mais a pessoa.

— Então é só isso que tenho a fazer? — pretendeu saber o nosso amigo.

— Podes ficar por aí — esclareceu o Guia — no entanto se a vítima tiver sede, dá-lhe a beber pequenas quantidades de água ligeiramente tépida, mas nunca outra bebida. Se verificares que tem ferimentos profundos no abdómen, não lhe dês nada. Lembra-te sempre disto: em estado de choque, a presença do médico é urgentíssima.

— Obrigado António, és um grande Guia, sabes disto a valer. Estou certo que se seguir os teus conselhos fico um SEMPRE PRONTO.

— Tudo é pouco para se ser prestável ao nosso semelhante.

Bateram no relógio as 22 horas, um aperto cordial de mãos esquerdas, um até amanhã se Deus quiser, e uma porta que se fecha, foi a última coisa que pudemos perceber nesta reunião.

ÁGUIA SABICHÃO

Esta página é tua; envia-nos as tuas opiniões.

Ideias para os Guias de Patrulha

De novo trazemos algumas sugestões do opúsculo «400 Ideas for Patrol Leaders». Achamos interessante que as apliques nas tuas reuniões de patrulha. Se precisares de mais sugestões, escreve-nos.

Sugestões para fora da Sede

Pistas

Fazer pistas para várias direcções, indicando que levam a um tesouro escondido. Esconder dois objectos em duas pistas diferentes. Dividir a patrulha e fazer uma competição. O vencedor será aquele que primeiro encontrar um «tesouro».

Trabalhos manuais

— Decorar as paredes da caverna da patrulha com índios e sinais escotistas pintados em cores brilhantes sobre pano de lençol ou de tendas velhas.

— Fazer um dicionário de figuras ou sinais de linguagem. A patrulha pode inventá-los e ter a sua própria linguagem secreta ou ainda usar os sinais escritos no livro da patrulha.

— Fazer sinais de pista em cartão grosso e segurá-los em varas, tábuas ou num cartão grande. Escoteiros com os olhos vendados descrevem-nos pelo tacto.

Miscelânea

— Com os cartões da sugestão anterior, fazer uma competição entre os escoteiros para ver quem é mais rápido a identificar os sinais com os olhos vendados.

— Cada escoteiro escreve uma pequena história em linguagem de sinais. Todos devem usar o mesmo número de palavras. Em seguida,

Pág. 10 →



Manuel Ferreira



Em Díli, Timor, faleceu, em 20 de Dezembro findo, este nosso estimado amigo e colaborador muito dedicado de «Sempre Pronto». A notícia, que nos chegou por telegrama de sua família, foi um golpe inesperado, porquanto ainda recentemente tínhamos recebido notícias deste entusiasta companheiro. O seu falecimento causou profundo desgosto a todos os que em «Sempre Pronto» trabalham, constituindo uma lamentável perda.

Manul Ferreira adoeceu com gripe e, após dois dias de cama, regressou ao serviço em cumprimento do seu zelo profissional. Tendo recaído, surgiram-lhe complicações e, sofrendo de um ligeiro padecimento de coração, isso foi bastante para lhe provocar uma embolia que o fulminou.

Tinha 45 anos de idade e era presentemente Chefe da secretaria de Administração Civil de Díli, cargo em que tinha sido promovido por Portaria do Governador de 18 de Novembro passado. Nos últimos dois anos, estivera no interior, em Manatuto, como Administrador do Concelho, cargo que o obrigava a cavalgadas durante horas para visitar locais inacessíveis a outros meios de transporte. Simultâneamente desempenhava outros cargos públicos, levando a toda a parte o seu esforço e zelo, o que contribuiu para abalar o seu coração.

Foi Escoteiro no Grupo n.º 13 anexo à Sociedade de Geografia de Lisboa e desde cedo demonstrou propensão para as letras, tendo uma vocação especial para os contos para crianças e adolescentes. Colaborou em quase todos os jornais infantis que se têm publicado em Portugal nos últimos 25 anos. O *Pim Pam Pum*, suplemento infantil do *Século*, há muitos anos que inseria os seus contos de cunho cultural e educativo, sendo agora o mais antigo colaborador deste suplemento.

Publicou livros de contos, «Vida e Morte de um Bravo», uma das muitas conferências que pronunciou, referente ao herói da pacificação de Timor alferes Francisco Duarte: e a Agência Geral do Ultramar publicou também uma interessante conferência que, por intermédio do «Sempre Pronto», proferiu em Lisboa em 1957, sob «Timor — sua Terra, sua Gente e sua História», também publicada pelo nosso jornal em suplemento, porque uma distinha senhora que o escutou, entusiasmada com a beleza do trabalho, se prontificou a custear a edição. Tinha agora em imprensa um interessante trabalho de investigação histórica sobre «Alfredo de Lacerda Maia», outro herói daquela província ultramarina.

Todos os momentos vagos dos seus deveres profissionais eram empregados em trabalhos de investigação. Os portugueses que serviram em Timor e aí se distiguiram pelos serviços prestados, mereciam-lhe cuidadoso estudo, procurando arrancar dos segredos dos arquivos páginas de história ignoradas. Ainda em 8 de Dezembro passado, fizera em Díli uma eloquente conferência sobre o laferes Francisco Duarte, «O Arbiru», como foi conhecido dos timorenses, dissertando com o maior entusiasmo, tendo sido ovacionado pela assistência.

Depois da ocupação japonesa em Timor, ofereceu-se para servir naquela província para onde embarcou em 23 de Julho de 1946. Esteve no Continente em férias em 1956. O tempo das suas férias foi em grande parte aproveitado para satisfazer a sua maior aspiração: Investigar nas Bibliotecas e Arquivos factos históricos que narrava nos seus contos. «Sempre Pronto» publicou inúmeros destes trabalhos, pois Manuel Ferreira honrava-nos com a sua colaboração preciosa desde os primeiros números e os nossos leitores tiveram ocasião de apreciar o valor cultural e educativo da sua pena. Colaborava também no semanário «A Voz de Timor», onde vieram a lume dezenas dos seus trabalhos sobre história.

Graças à sua actividade extraordinária, possuímos diversos trabalhos seus que honrarão «Sempre Pronto» ainda durante alguns meses.

Em Timor, a sua morte foi muito sentida, tendo-lhe prestado as últimas homenagens as autoridades e muito povo. No continente, divulgada a notícia através do «Século», também muitos companheiros expresaram o seu pesar.

Deixa viúva a Sr.ª D. Adelaide Ferreira, que sempre dedicadamente o acompanhara na sua missão em Timor; e deixa uma filha, a Sr.ª D. Maria Manuela da Cruz, casada com o Sr. José Domingos da Cruz, também funcionário administrativo naquela província, bem como uma netinha de 20 meses.

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» choram a perda do seu querido amigo e colaborador, apresentando a sua família os mais sentidos pêsames.

REGIÃO CENTRO

DEMISSÃO DA DIRECÇÃO

O Boletim Oficial n.º 1/963, da direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, exonera a seu pedido dos cargos que exerciam na Região Centro, os srs. prof. Aníbal Gonçalves Ramos, presidente; Eduardo Quintinho Pinheiro, chefe regional; Duarte Gil de Mendonça, secretário; acrescentando que «os referidos cargos foram exercidos com muito zelo e dedicação».

★ ● ★

Os motoristas ingleses acham que a honestidade recompensa

Os motoristas de Bedford, no sul da Inglaterra, acham que a sua honestidade os tem recompensado.

Desde que tanto deles demonstraram que eram suficientemente honestos para tirarem de uma máquina os bilhetes para o estacionamento dos seus carros, e sem fiscalização, as autoridades locais vão abrir mais dois parques de estacionamento de automóveis, baseados no mesmo princípio.

Um representante da autoridade local diz: «Economizou-nos uma quantidade de dinheiro por não termos que pagar a empregados. Descobrimos que os motoristas parecem, na verdade, fazer jogo limpo. Parece que não existem trapaceiros... Assim, podemos manter as estradas livres de obstruções e as bermas intactas».

Os motoristas colocam o dinheiro nas máquinas, e são fornecidos livros de bilhetes para todos os que quiserem estacionar de noite.

FILATELIA

O Selo português Comemorativo da 18.ª Conferência Internacional de Escotismo apreciado no Estrangeiro

As opiniões acerca da beleza do selo português de Escotismo não foram unânimes. Houve quem não gostasse do selo e outros lamentaram que, tratando-se de seis taxas, tivesse sido usado em único desenho.

O nosso principal colaborador desta Secção, porém, sempre afirmou que se tratava de um selo artístico e bonito. É agradável, portanto, saber que uma autoridade em filatelia classificou o selo postal português em referência entre os que reputa os dez melhores de 1962.

A notícia vem no «Jornal Filatélico», que mensalmente se publica em Lisboa e informa:

«Como sabem, o jornalista britânico especializado em desenho de selos, L. E. Scott, emite a sua opinião, todos os anos, na publicação inglesa *Stamp Collectors Anual*, sobre os desenhos que considera os 10 melhores dos selos emitidos em todo o mundo durante o ano anterior.

«No volume de 1963, que acabámos de receber, L. E. Scott inclui, entre os que reputa os dez melhores desenhos de 1962, o selo de Portugal, comemorativo da 18.ª Conferência Internacional de Escotismo, desenhado por Guilherme Camarinha.

«São de L. E. Scott as seguintes referências àquele desenho: *Finalmente, um lindo selo, na verdade de Escotismo, vem de Portugal. Para celebrar a 18.º Conferência Internacional de Escotismo, G. Camarinha produziu um selo que mostra um acampamento. As tendas são iguais menos uma. É a que está em primeiro plano, cuja abertura triangular é o caixilho ideal para nele inserir o conhecido emblema dos escoteiros. É um simples, elegante e original desenho, dum país que, frequentemente, surge com o agradável e o inesperado*».

Registamos com prazer estas declarações divulgadas pelo «Jornal Filatélico», que não podem deixar de interessar aos Escoteiros filatelistas.

Notícias de «O Século» de há 50 Anos

— 17 de Outubro de 1912 —

EDUCAÇÃO PARA O FUTURO. O «boy-scout» é uma criança preparada para ser homem. O governo inglês vai estabelecer uma escola de aplicação no Canadá».

O Caminheiro e a Vida

De Caminheiro para Caminheiro — Uma sugestão

Sou Caminheiro e como vós tenho as mágoas e alegrias do nosso movimento. Como sei que tendes muitas ideias para solucionar alguns problemas considerados sem solução, aqui vai uma ideia que será o começo de uma série:

UM SONHO PARA MUITOS

Com uma revista de Escotismo debaixo do braço, que diga-se de passagem é a melhor que conheço e vi até hoje, entrei num café onde um montinho de rapazes meus conhecidos, entre os 16 e os 19, cavaqueavam, com conversas de «chacha»... sempre as mesmas!

Com um poucochinho de «pseudo-psicologia» pus a revista de tal maneira que chamasse a atenção deles.

Mais que certo, um, com um cigarrinho ao canto da boca, pediu-me logo para o deixar ver, tentativa que eu fingi não ter percebido para criar mais interesse. Novamente me pediu para ver a revista e então lá lhe mostrei uma página, a melhor, dizendo-lhe:

— Isto não te interessa. Não vês?

Claro que se eu dissesse que lhe interessava ele com certeza não ligava.

Ávido de ver tudo, folheou, página por página, e quando chegou ao fim já todos os amigos (cerca de seis) o rodeavam tentando cada um ver melhor que os outros.

— Para que é isto tudo? — perguntou um — pertences também a isto?

Mil e uma perguntas e lá fui respondendo de tal maneira que passada hora e meia ainda lá estávamos falando sobre o significado de Escotismo.

Cheguei a uma conclusão. Todos os rapazes necessitam de ser informados de que existe o nosso movimento. Eles desconhecem-no!

Discutimos várias hipóteses e entre elas uma ia ao encontro de todas:

DEVE-SE ORGANIZAR EM CADA GRUPO pelo menos uma patrulha com saber e poder de fazer campanhas de propaganda para os rapazes dos seus arredores.

O esquema de trabalhos não é difícil.

Palestras de interesse para jovens sobre Religião; Primeiros socorros; educação sexual; Desporto; Campismo; Cozinha... etc.

Tudo acompanhado de projecção de filmes e exercícios práticos, nada melhor poderá fazer aparecer o interesse pelo nosso movimento a rapazes que queiram adquirir mais conhecimentos.

Dentro em breve seguiríam com dedicado interesse uma B. A. colectiva e 50% entraria logo para Pata-Tenra.

Caso isto não acontecesse, de uma coisa tenho a certeza:

As reuniões a que os rapazes assistissem só lhe seriam úteis e, desse dia em diante, já passariam a dizer bem do Escotismo. — Que mais queremos nós? — E porque esperamos?

UM CAMINHEIRO MODERNO

LIVROS

«DE NOVO A UNIÃO IBÉRICA

Pelo *Prof. Álvaro Dória*, editado pela Delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. 1961. 39 págs.

O nosso estimado amigo e distinto colaborador sr. prof. A. Álvaro Dória, no prosseguimento da sua interessante obra literária, publicou ùltimamente um opúsculo subordinado ao título em epígrafe, onde aborda um velho problema — se problema é lícito chamá-lo — o Iberismo.

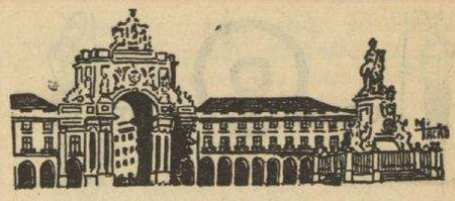
A razão da vinda a lume deste trabalho encontra-se no facto de recentemente ter sido publicado no país vizinho um folheto da autoria de um publicista espanhol — o sr. José Luis Barceló y Fernandez de la Mora — denominado «La Unidad Ibérica como Necesidad Presente», em que se pretende inculcar a vantagem da união das duas nações peninsulares.

É proveitosa a leitura do opúsculo com que o prof. Álvaro Dória refuta as afirmações do autor espanhol, pois começa por historiar as origens desta ideia, assim como a forma como se tem propagado através dos séculos, mercê das megalomanias de certos reis, alguns deles portugueses, embora ao nosso povo tivesse sempre repugnado esses propósitos de unificação, a qual, em dada altura, com a dominação filipina, esteve prestes a tornar-se inevitável.

O estudo continua com o registo de certas observações de antropologistas e arqueólogos espanhóis que chegaram à conclusão de que o facto da existência de duas nações na Península está absolutamente fundamentado por razões de natureza étnica, além de outras de ordem geográfica e cultural.

Esta parte do trabalho é completada com a enumeração das pronunciadas diferenças entre os caracteres dos dois povos — o português e o castelhano.

A terminar este útil opúsculo, o prof. Dória, depois de destruir de forma categórica a argumentação do autor daquele folheto, defende o princípio de um estreitamento das relações luso-espanholas através de uma mútua cooperação nos campos cultural e económico, como aquele que mais proveitosamente pode servir os interesses dos dois países. —J. R.



ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo N.º 7

O Grupo n.º 7 realizou no passado dia 23 de Dezembro, na sua sede na Rua Camilo Castelo Branco, 33, uma festa dedicada às famílias dos Escoteiros — «O Natal da Família Sete» — a qual constou de uma récita em três actos desempenhada pelos escoteiros do Grupo. Seguiu-se um chá oferecido a todos os presentes, à volta de uma centena.

Assistiu o antigo Chefe José Rodrigues e a Direcção Regional esteve representada pelo Chefe Regional.

Foi uma bela tarde de confraternização escotista num ambiente familiar, como aliás, já é tradição das festas deste Grupo. — *C.*

★ ● ★

CURSO DE CHEFES

I Curso Preliminar da Insígnia de Madeira

Durante os últimos meses de verão, no Campo Escola de Caparica, sob a direcção do E. C. Eng.º José Maria Nobre Santos, realizou-se este curso preliminar, tendo sido atribuídos os certificados de aprovação aos seguintes participantes:

António Viegas Custódio, José F. Relvas Pereira, Armando Almeida Morais, José de Jesus Ferreira, Jorge N. Pinto Cautela, José E. Calado Gonçalves, João Constanstino, João Madeira Leitão, Mário L. Pereira Leite, Hélder de Carvalho Monteiro, Luís Mário Saraiva, Ivo Lopes Trindade, António M. F. Ribeiro, Mário de Oliveira Gonçalves, David M. Nobre Tomás e António Vaz Sabino.

Receberam ainda certificados de frequência, Telmo Carlos Esteves, António Luís Correia da Silva, Ernesto dos Santos Celorico e Delfim Brás.

O sr. António Viegas Custódio recebeu o certificado de aprovação da I Parte do Curso Geral da Insígnia de Madeira (Escoteiros).

Este curso foi oficialmente reconhecido pelo Centro Mundial de Treino de Chefes de Gilwell Park.

★ ● ★

Ideias para os Guias de Patrulha

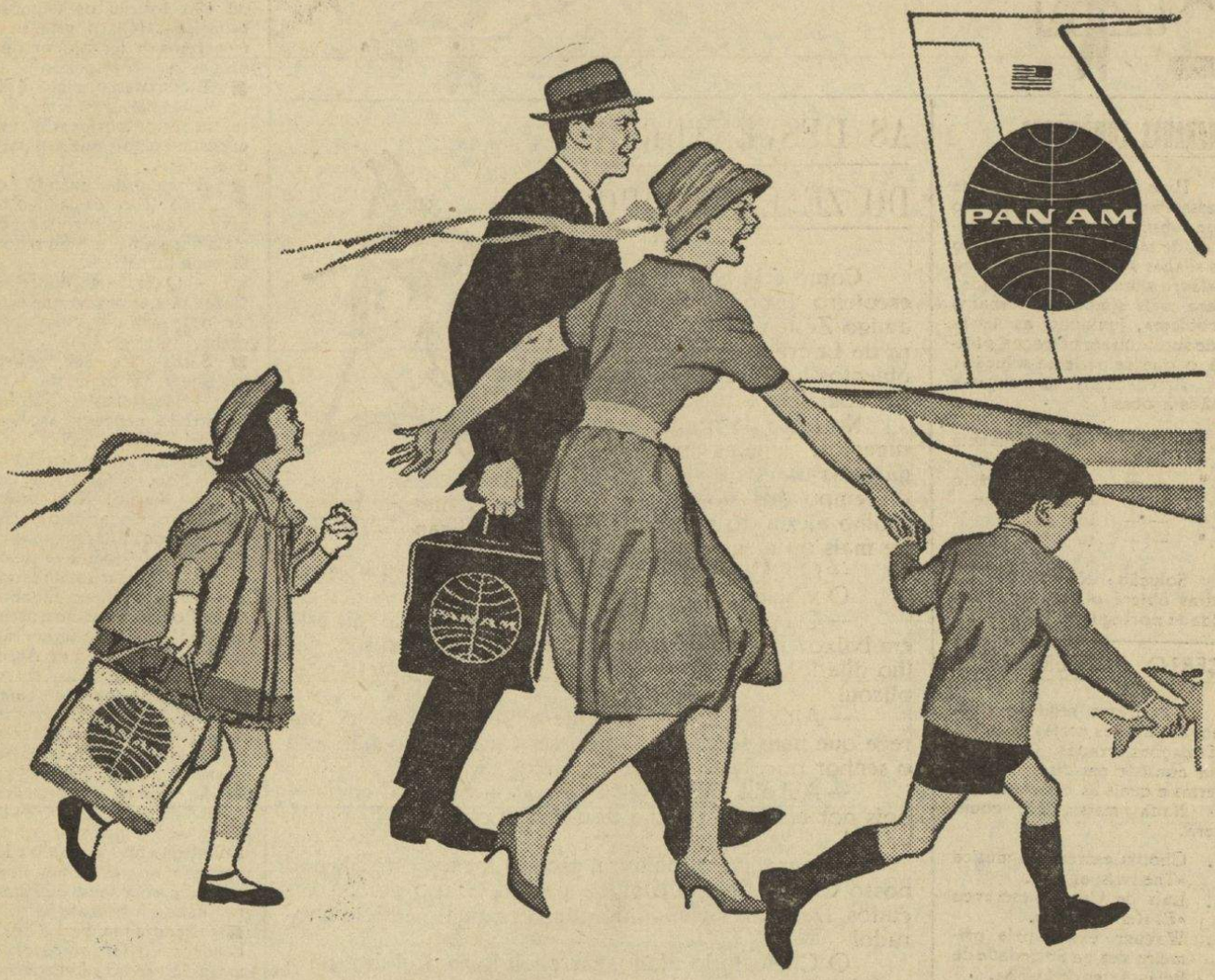
← *Pág. 8*

cada escoteiro troca o seu papel com outro e vê-se quem é o primeiro a decifrar.

—Praticar os sinais de letras (homográfico e Morse) e os sinais de pista.

—Indicar um sinal e ver quem é o primeiro a desenhá-lo. Exemplo: «Este caminho não se segue». Os escoteiros terão de desenhar o x. Apurar o vencedor.

—Ver quem é o membro da patrulha que consegue escrever o maior número de sinais de memória: Pista, homográfico, morse, etc.



Grande economia na nova Tarifa Familiar da Pan Am para os Estados Unidos

Com as novas tarifas reduzidas do "Plano Familiar" da Pan American, pode viajar agora, para os Estados Unidos, com a sua Família, muito *econòmicamente*! Eis como pode realizar o seu sonho de uma viagem de ida e volta, para negócios, turismo ou ambas: um casal acompanhado, ou não, de filhos entre os 12 e 25 anos ou o chefe de Família (marido ou esposa) acompanhado de um ou mais filhos, *pagam sòmente um bilhete inteiro*, sendo os demais reduzjdos de **Esc. 2.893$00** até **8.680$00** por cada pessoa. Aproveite já esta oportunidade das Tarifas reduzidas da Pan Am, que estão em vigor até 31 de Março de 1962.

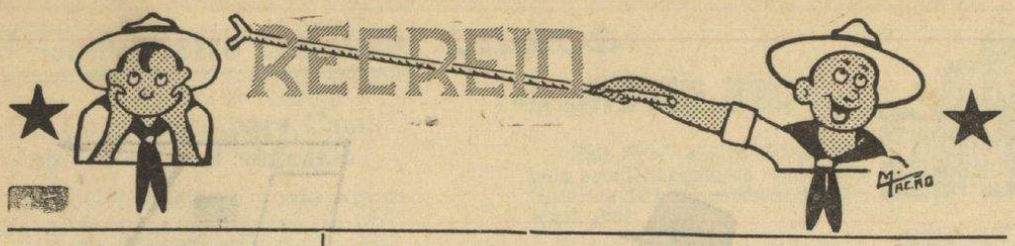
Além desta grande economia, a sua Família beneficiará do conforto da viagem nos gigantescos Clippers* a Jacto da Pan Am. Saboreie as deliciosas refeições quentes e aprecie o categorizado serviço da Classe Económica "Rainbow" da Pan American. Viaje sem preocupações, porque a Pan Am toma a sua Família ao seu cuidado!

*Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

Consulte o seu AGENTE de VIAGENS ou a
PAN AMERICAN, na Praça dos Restauradores, 46
Lisboa — Telefone 36 21 81 (5 linhas).

PAN AMERICAN

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ MAIS DE 22 ANOS



CHARADAS COMBINADAS

Para fazer este interessante passatempo não tem mais do que substituir os traços por letras, de modo que pela junção às sílabas seguintes resulte uma palavra sinónima da indicada. Para mais simples se tornar o problema, juntando as letras que substituíram os traços, obterá o que se pede na solução.

Arregaçam-se as mangas e mãos à obra!

1.º	— +	ua	= Planeta
2.º	— +	ça	= Puxa
3.º	— +	ousa	= Apelido
4.º	— +	eba	= Tome
5.º	— +	lha	= Vê
6.º	— +	ta	= Liga

Solução: Na junção das letras obterá o nome de uma cidade portuguesa.

CERTO OU ERRADO?

Nas frases seguintes existem afirmações certas e outras afirmações erradas. O problema consiste em dizer quais as certas e quais as erradas.

Nada mais fácil, como verá.

1. Chopin escreveu a música «The twist again».
2. Luís de Camões escreveu «El-Rei Seleuco».
3. Wagner expôs pela primeira vez na Sociedade de Belas Artes de Lisboa.
4. Fleming descobriu a Penicilina.
5. «Sempre Pronto» apareceu ao público em 1-1-1945.

MÁXIMA A ADIVINHAR

O	R	E	B	P	D	L
1	2	2	1	2	1	3

Cada letra representa a inicial de uma palavra e cada número indica o número de sílabas dessa palavra. Qual será a máxima?

Para os ajudar direi que é de Michelet.

Soluções de Novembro

A Associação dos Escoteiros de Portugal foi fundada em 6 de Setembro de 1913.

O Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal foi fundado em 9 de Abril de 1912.

O Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal foi fundado em 1 de Dezembro de 1912.

PALAVRA QUADRADA

ARAR
ROMA
AMAR
RARO

AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO



Como é já costume do escoteiro lisboeta, o nosso amigo Zé também foi à Feira da Ladra à procura de objectos baratos mas ainda em bom uso.

No meio de pregos ferrugentos, lunetas partidas, garrafas usadas e de livros do tempo dos nossos avós, o olho alerta do nosso chefe descobriu um globo terrestre mais ou menos impecável.

— Oh! Que belo exemplar lá para o meu Grupo!

O Chefe mirou o objecto e exclamou:

— Quanto custa essa coisa estragada que aí está em baixo? (Quem desdenha quer comprar, lá diz o velho ditado). Com perspicácia comercial, o vendedor replicou:

— Alto lá! Este globo que aqui vê está novo, parece que nem sequer chegou a ser tocado; isto não leva o senhor por menos de 500 escudos.

— Ah! ah! ah! deixe-me rir... — disse o chefe — pois por essa coisa velha dou-lhe 30 escudos. E vá lá, vá lá!

Palavra puxa palavra, escudo menos escudo, e o nosso Chefe lá levou o globo para o Grupo por 50 escudos. Dez vezes menos de que o pedido; negócio chorudo!

O Chefe, todo ufano, carregou logo o globo para a sede e preparou umas perguntazinhas para a próxima reunião do Grupo. Seriam acerca de geografia, sobre os locais onde se tinham realizado os diversos Jamboris dos Escoteiros.

A data da tal reunião chegou e chegou também o espanto do Chefe ao deparar-se-lhe o globo furado de lado a lado.

O Chefe encolerizou-se e perguntou em voz alta:

— Quem fez isto?

Descontraidamente o nosso Zé sorriu e disse:

— Fui eu, chefe! É que sempre tive curiosidade em saber o que havia no centro da Terra!

H. M.

VAMOS RIR

Dois escoteiros acamparam à beira de um riacho e viram-se atormentados por causa dos mosquitos, que constituíam uma verdadeira praga.

Para fugirem às suas picadas, envolvem-se o melhor possível nas suas mantas. Um deles, porém, (o patatenra) não consegue dormir, deita a cabeça de fora da tenda e vê alguns pirilampos:

— Tomás! — exclama ele profundamente abatido — não vale a pena escondermo-nos. Esses malditos bichos estão à nossa procura com lanternas!

LOBO NEGRO

ENTÃO QUE TAL O PRÉMIO?

O prémio do número de Novembro para quem recortasse aquela célebre fotografia, como era óbvio, era um buraco na página. Parabéns aos contemplados.

3.ª COLUNA

Esta é a tal coluna: a última. Mas vai passar a ser a primeira; ou não fossem os últimos os primeiros. (Claro está, se começarmos a ler ao contrário, do fim para o princípio).

■ E como esta coluna é mais ou menos para resolver os assuntos sérios a brincar, vai ver, caríssimo leitor, que vai dar de que falar...

■ A propósito, quando é que o amigo (isto de amigo traz muita água no bico!) arranja mais um assinante para o nosso Grande jornal?

— Quer um conselho? Crave já esse amigo que está a ler o jornal por cima do seu ombro! (Obrigadinho!).

■ Sabia que o «Sempre Pronto» esteve nas ondas?

— Não sabia? — Não foi a bordo de nenhum barco, não senhor! Andou pelas ondas hertzianas, a bordo do CT 1 KM.

— Não, o CT 1 KM não é nenhum barco! Nem satélite, pois claro, é um posto emissor.

Ficámos desgostosos de não ter havido chuva de cartas cá na Redacção de leitores escoteiros a pedirem endereços de rádio-amadores nossos amigos para assim poderem estar também no Jambori do Ar, mas estamos convencidos de que não foi por falta de vontade, mas sim por falta de conhecimento desta actividade. Esperamos que sim, sejamos optimistas.

■ Chegou ao nosso conhecimento, através de círculos bem informados mas não oficializados, que houve uma tal festa em que apareceu um tipo já avô a receber taças que ganhara quando foi escoteiro

■ Um grande bravo aos escoteiros do Grupo 8 pelo seu magnífico serão recreativo onde não faltou graça e espírito escoteiro. BRAVO!

Ainda uma notícia pouco divulgada acerca da festa do Grupo 8:

A última fila, quando acabou o espectáculo, bateu palmas durante 5 minutos, 3 segundos e 2 décimos. (Oh! Esta exactidão de reportagem).

Segundo ouvi, as palmas eram dedicadas ao escoteiro que estava lá atrás a apagar e a acender as luzes da sala. Belo trabalho! Outro BRAVO!

■ Para comemorar o aparecimento desta coluna damos bastantes Bravos. Esperamos que continuem os Bravos.

Até breve

REPÓRTER DE SERVIÇO

PORQUE SERIA?

Certo dia, Daniel Diogo Tavares acampou à beira de um riacho. Estava ele em pijama quando um mosquito entrou na tenda. Mas, ao olhar para o nosso herói, fugiu!

Porque seria?

LOBO NEGRO

Resposta: O mosquito fugiu porque viu no pijama o desenho das iniciais D. D. T., resplandecentes nome do Escoteiro.